

POÉTICAS DO CAMINHAR: OS MISTÉRIOS DE UMA PEQUENA FORTALEZA AINDA POR FAZER

Artur Dória Mota / Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Partindo de alguns entendimentos gerais sobre cidade (crescimento urbano, modernização, fragmentação social), vamos destacar alguns aspectos da cidade de Fortaleza, traçando um pequeno perfil e apresentando alguns fatos históricos que forneçam pistas sobre a sua realidade atual. Ao mesmo tempo, vamos propor uma atuação poético política que utilize o espaço da rua como impulso criativo (a rua que guarda mistérios), pensando principalmente na necessidade de voltarmos a caminhar na cidade e recuperar o seu caráter público. O caminhar, neste contexto, é abordado como uma prática ampla e fundamental, duramente afetado por intensas mudanças estruturais, e que deve ser ressignificado através de métodos poéticos e artísticos que produzam novas formas de ver e ouvir a cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Fortaleza; cidade; crescimento urbano; poéticas e narrativas urbanas; caminhar.

ABSTRACT

Starting with some general understandings about city (urban growth, modernization, social fragmentation) we will point some views of Fortaleza city, marking a little profile, and listing some historical facts which clues about your current reality. At the same time, we will propose and action poetical political that use the street space like creative impulse (the street who keeps deep your secrets), thinking mainly in the needs to go back walk on the city and recover your public character. The walk, in this sense, it's approach like a wide and fundamental practice, hardly affected for structural changes, and must be ressignified by poetical and artistic methods which produces new forms of see and hear the city.

KEYWORDS

Fortaleza; city, urban growth, narratives and poetical urbans; walk.

É compreendendo a impossibilidade de apreender a cidade como um todo, ou seja, de inseri-la em uma descrição dentro de perspectiva totalizante, que a cidade, enquanto objeto de estudo, se apresenta como um centro de convergência e fluxo interativo, repleta de dissensos.

Compreender a cidade significa colher fragmentos. E lançar entre eles estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas. (CAVENACCI, apud SILVA E FILHO, 2004, p.14)

As ruas da cidade escondem mistérios. As ruas, de alma encantadora, fundamentam, nas palavras do cronista João do Rio, os nossos desejos originários que nos acompanham desde os primeiros dias. De fato, se não resguardasse esse caráter opaco, que não aparece senão mediante uma experiência física de contato não incitaria a menor curiosidade. “As ruas têm alma. São entes vivos e por isso pensam. São de uma variedade enorme e abarcam os contextos mais fugidios (DO RIO, 2008, p.06)

Existiu, é bem verdade, uma modernização deste espaço da rua a partir da sistematização por meio de planejamentos disciplinares que visavam não somente a ordenação, mas o controle social. Ou seja, há, com efeito, na história do desenvolvimento dos grandes centros urbanos, principalmente durante os séculos XIX e XX, uma tentativa de homogeneização deste espaço. E se, de acordo com João do Rio, as ruas apresentam características tão próprias quanto qualquer pessoa e, se essas características são essenciais na formação dos sujeitos, podemos imaginar um forte sufocamento às suas presenças, mais especificamente no que diz respeito as formas de interação e relação sociais mais diretas.

Uma ação de moldes institucionais (pontuando a presença da administração governamental) que destitui a essência popular das ruas. Exemplo mais direto disso, é a substituição dos nomes das ruas. Esse fato, bastante corriqueiro, não se restringe a realidade de umas poucas cidades. Em Fortaleza,

as velhas denominações, ingênuas e poéticas, vêm sendo constantemente mudadas, em caráter laudatório, para nomes de personalidades cujos méritos, muitas vezes ocasionais ou nenhuns, se esquecem em menos de um decênio. (DE CASTRO, 1977, p.43)

A adoção de termos específicos para designar as ruas é uma forma de apreender sua personalidade, exaltando características só encontráveis naquele lugar, tornando-o único. Nesse sentido, é curioso que algumas ruas¹ tenham mudado tanto de nome ao longo dos anos. Através da linguagem, este espaço passa a ser orientado, seguindo uma suposta diretriz coletiva. A rua Formosa agora chama-se Barão do Rio Branco, a antiga rua do Cajueiro foi transformada em Pedro Borges, a rua das Belas é São Paulo, a dos Coelhoos? Domingos Olímpio. E foi assim com tantas outras em Fortaleza, a lista é enorme.

A rua, portanto, cooptada em sua essência primitiva, ganha então uma importância vital nos contextos das cidades contemporâneas, pois precisa insistentemente ser ativada, e sendo assim, é o lugar no qual faz-se necessária uma atenção e observação constantes, e que exige uma presença que ultrapasse a rotina e as retinas. A rua é uma ficção e pode escoar por tantos lugares quanto possíveis. Está nas entrelinhas de sua composição, corpo orgânico, tal como expresso por Mario Quintana, que diz examinar o mapa da cidade tal qual a anatomia de um corpo. Essa forma de atenção pode e deve ser transposta para o cotidiano sob vários aspectos. Trata-se de uma percepção mais aguda sobre os acontecimentos que se desenrolam neste entorno no qual estamos circunscritos e que, a uma velocidade aterradora, engole os nossos sentidos. Uma atenção de modo flutuante (KASTRUP, 2011), que deve manter-se uniformemente suspensa, fazendo com que o trabalho de seleção não esteja pré-determinado por expectativas e ou inclinações prévias. Um estado de desprendimento que se oponha fortemente a este estado incipiente de homogeneização.

Essa atenção, portanto, não é a de seguir os nomes oficiais. Ao contrário, é a de ignorá-los ou mesmo subverte-los. É valoroso notar que “não existe adesão integral dos habitantes locais à tiponímia consagrada na escrita das placas” (SILVA E CASTRO, 2004, p.54), o que passa a sugerir uma vitalidade, de força tipicamente popular que não se conforma com essas imposições, que nada mais são do que tentativas preencher aquilo que consideram ser uma lacuna, quando, na verdade, acabam exatamente por criar essas lacunas, com nomenclaturas que não correspondem a realidade das ruas, gradualmente apartada de seu próprio cotidiano.

A rua como uso e extensão poética?

Como utilizar o espaço da rua como extensão poética e política? Como nos tornamos personagens observadores? Estas questões podem ser galgadas tomando a ideia de um retorno, de fixar aquilo que tão rapidamente passa afim de restituir esse caráter destrutivo, que de forma tão veemente modifica a paisagem urbana, sem com isso, produzir qualquer melhoria na vida das pessoas. Proponho a caminhada como um desafio a essa configuração racionalista. Uma possibilidade de plantar e fazer florescer um programa subjetivo.

Estamos partindo da rua, e se, observada sob estes aspectos que acabamos de destacar, podemos entendê-la como um signo da perda do espaço cada vez mais despido de sua característica pública. Podemos concebê-la, enquanto um espaço utilizado para fins privados, o que indica uma fragmentação social, em que as atuações dos diferentes tipos de agentes discursivos são enfraquecidos de sua atuação política, destituídos de sua condição de discussão crítica. Esta noção de espaço público, segundo Vitor César (2009), atenta para um lugar em que as diferenças (antagonismos) passam por um processo de negociação entre as diversas partes. No entanto, é de se notar a apropriação destes espaços por meio de decisões unilaterais, que não consideram a pluralidade inerente a sociedade e atuam em sentido contrário, atenuando e apaziguando estas diferenças. O conflito é apaziguado e o espaço é descaracterizado de sua dimensão pública. Ainda que público, só atende a um público muito específico.

Ruas, avenidas, praças ou parques são espaços de livre acesso para a maioria das pessoas, e somente possuem uma dimensão pública enquanto funcionam como arena para a dimensão *política*. (CÉSAR, 2009, p.79)

Essa dimensão política está vinculada a constituição de uma esfera pública, que seria o lugar em que o debate crítico seria posto em prática. É o espaço da aparição a que se refere Hannah Arendt, em que os confrontos se evidenciam, sem a necessidade de serem saciados por um consenso forjado sem o enfrentamento a qualquer oposição ou resistência. A separação entre espaço público e esfera pública é fruto da modernidade, já que “o espaço público foi apropriado para o uso de interesses econômicos” (CÉSAR, 2009, p.78). É preciso, desse modo, entender que a vida pú-

blica, enquanto formadora de esferas públicas (que devem ser consideradas sempre no plural) passa a ser regida por um intenso e dinâmico processo de negociação que produz modos de estar e conviver com pessoas que apresentam visões e interpretações de mundo completamente diferente das nossas.

Os segredos da cidade

No caso de Fortaleza, cidade sobre a qual este texto se dedica em específico, há que se considerar uma surpresa histórica, uma incoerência que diz muito sobre o modo como a cidade tem se revelado e exposto as suas mazelas desde a sua constituição: “sem dúvida alguma, a existência de uma cidade das dimensões de Fortaleza é um mistério, pois nada, em princípio, parecia admitir desenvolvimento de tal porte” (DE CASTRO, 1977, p.09).

Uma cidade impossível, dotada de um horizonte cheio de opacidades, que precisam ser explorados para além de uma racionalidade orgânica. Não se trata de fornecer uma explicação sobre o porquê a cidade assim se encaminhou, cabe sim, ressaltar alguns elementos, de desdobrá-los de acordo com as contradições que apresentam, e de como trazê-los a tona.

Como então ouvir os segredos contidos nas ruas? Como adentrar e experimentar estes espaços opacos (SANTOS, 2006) e descortina-los para além de uma descrição? Vale lembrar que “a iminência do desconhecido [...] é um elemento constitutivo do viver em metrópoles” (SILVA E FILHO, 2004, p.37), e sendo assim, parece haver um paradoxo implícito, ou mesmo, tensão, que se relaciona diretamente com a questão do encolhimento do espaço público enquanto uso coletivo.

As cidades contemporâneas passaram a ser estruturada em determinada época de acordo com uma orientação bastante precisa e, no entanto, quando entramos contato com a cidade, somos jogados a uma realidade que sinaliza uma forte desorientação, o que sinaliza um inacabamento, ou mesmo uma incapacidade de domesticá-las. São tantas as ruas que elas acabam perdendo-se, sendo impossível localizar-se o tempo inteiro.

Na cidade, misturamo-nos sempre – mesmo quando não há desejo de mistura –desenhando, com nossa heterogeneidade, uma configuração plural e

cambiante. Híbrida e contraditória. Antagonismos diversos se inscrevem no corpo da cidade, justamente onde o conflito se pronuncia de maneira mais ou menos ruidosa. (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.05)

Essa objetividade imantada no contexto da cidade faz jus a um comportamento funcional e ortodoxo que exalta a linha reta, podendo ser observado com maior rigor no traçado xadrez que começou a ser implantado em Fortaleza nos primórdios XIX pelo engenheiro Silva Paulet que procurou “eliminar ruas com curvas que seguiam as margens do rio Pajeú, para a construção de ruas retas.” (SILVA E CASTRO, 2004, p.109). Até então, Fortaleza crescia de forma espontânea ao longo do Pajeú, sem obedecer a qualquer sistematização. As ruas eram tortas e desalinhas e as calçadas, irregulares.

O plano em xadrez está intimamente ligado a objetivos colonizadores ou de expansão urbana. Era o traçado helenístico por excelência, empregado por Alexandre, o Grande, nas cidades recém-criadas em seu vasto império. (DE CASTRO, 1977, p.30)

Essa necessidade de racionalizar o espaço afim de coroar o crescimento e a expansão sócio econômica, no contexto de Fortaleza, parece estar entregue a um efeito duplo, pois, ao mesmo tempo em que tenta enquadrar determinadas desobediências cotidianas, acabam por expor as falhas e os buracos deixados pela gerência governamental. É como se não quisessem que aqui se estabeleçam os laços necessários para novas e bem-vindas articulações, que perpassam, sobretudo, pela continuidade de esferas públicas. Há um desejo de desviar o olhar e para isso é preciso que a cidade atinja dimensões inusitadas, fazendo sempre questão de ressaltar alguns pontos especiais, que seriam, no discurso oficial, o rosto da cidade; espaços luminosos. (SANTOS, 2006). Manoel de Barros traduz todo esse sentimento com um verso muito simples: “a expressão reta não sonha”.

Desde suas origens, Fortaleza é descrita como uma cidade pequena e pobre. Inocente, ingênua, pacata, rustica e assaz provinciana. Cidade simples, contexto primitivo, sem firulas e desprovida de pretensões megalomaniacas e ambições de conquistas. É tarefa difícil, nos dias de hoje, imaginar uma Fortaleza de contornos bucólicos e mansos tão bem retratada pelas lembranças do poeta Otacílio de Azevedo no seu livro de crônicas Fortaleza Descalça, e de tantos outros. O que chama a atenção, entretanto, é a inspiração de cunho poético, que se liga profundamente as for-

mas de apreensão das ruas. É curioso que a eliminação da poesia (a tentativa, pelo menos), acabe produzindo um horizonte de incompreensões e ressalvas, e também, como um deboche, um mosaico de resistências, que acompanham, concomitantes, as insistências excludentes movidas pelo poder público.

A ironia do crescimento: a impossibilidade de transitar

Fortaleza adotou o caminho do progresso como slogan. Se apegou a um olhar arrogante em direção ao futuro. Sempre em frente, à custa de deliberados atropelamentos. Apesar disso, os tempos e os pretextos seguem os mesmos, em um espelho sem memória. Fortaleza parece gostar de avançar, mas sempre em direção a um futuro que já é, desde sempre, um passado tão presente quanto as pretensas tentativas de atestar o seu desaparecimento. A descaracterização da Praça Portugal, no início dos anos 20 (não fora a primeira e nem a última) associa-se visceralmente aos dias de hoje, com o desejo da atual prefeitura de demolir a praça Portugal para dar passagem a um cruzamento entre avenidas.²

Com o andar dos tempos e a pretexto de atender-se às necessidades do trânsito, destruíram os melhores atrativos da Praça do Ferreira: demoliram impiedosamente os Cafés-quiosques; levaram, não se sabe para onde, as grades que o circulavam; arrancaram os trilhos dos bondes; recortaram-lhe o piso, destinado a estacionamento de automóveis. Mas a praça resistiu, não se sentiu diminuída de sua força catalítica; nada perdeu da força centrípeta que a fazia um caleidoscópio, um colorido mosaico, o corte transversal das atividades e emoções da urbe. (GIRÃO, 1977, p.132)

Exemplo notório, que pode fundamentar este discurso, é o caso das calçadas altas, figuras bastante carimbadas em muitas narrativas sobre uma suposta Fortaleza de outrora, mas que como bem o sabemos, continua bastante atual.

Deve ter sido a Câmara Municipal que mandou abaixar o calçamento daquele trecho da Rua Amélia, deixando-a no nível atual. Em consequência, as calçadas que acompanhavam e conservavam a ondulação do terreno ficaram *altas*, e, em alguns pontos, com cerca de dois metros acima do novo calçamento.” (NOGUEIRA, 1981, p.124)

Percebemos aqui uma cidade desnivelada. Sinuosa. Estreita. Desigual e perigosa. Serão as calçadas a metáfora para um melhor discernimento sobre as coisas que acontecem aqui? O mesmo João Nogueira (1981) em uma passagem adiante da mesma crônica descreve as implicações básicas e nenhum pouco sutis: “vários tran-

seuntes levaram ali boas quedas.” (p.124). Rasgam-se imensos *bouvelares*, espelhos mal feitos da Paris à época, para promover a circulação dos automóveis, mas não há qualquer zela para com o espaço do pedestre, diligentemente negligenciado, o que se estende por anos e parece ser uma marca incontestada de sucessivas administrações públicas.

As ditas “calçadas altas”, ainda compondo a paisagem urbana em plena década de 40, eram geralmente resultado de intervenção inadequada do poder municipal que abaixava o leito de uma determinada rua criando desnível em relação aos passeios. (SILVA E FILHO, 2004, p.114)

Há uma gritante dificuldade de se locomover por esta cidade, pouca afeita à mobilidade. Suas ruas parecem carregar incômodos. Qualquer um que ouse encará-las, irá se deparar com uma imensa gama de obstáculos. Se antes as calçadas eram altas, hoje, em muitas ruas, sequer existem calçadas. Em muitas delas, carros atravancam as passagens, tomadas de mato, esburacadas, atravessadas por rampas de alvenaria que se conectam a residências, facilitando a entrada dos carros nas garagens e lixo, muito lixo que a cada dia se acumula a céu aberto. Sob esse aspecto, é irônico pensar que Fortaleza tenha se calçado, já que suas calçadas não servem aos passantes.

Ainda em 1841, manifestara-se, sobre ela, dessa forma, o pastor protestante americano, Daniel Kidder: “a cidade é inteiramente construída sobre areia. Se andarmos a pé a areia incomoda os pés! Se o sol está quente, ela nos queima e, se sopra o vento, a areia enche-nos os olhos. São de areia os leitos das ruas e o passeio lateral, com exceção dos pontos pavimentados com lajes ou tijolos. Quer saia a pé, a cavalo ou em algum veículo, a areia nos incomoda sempre! E não raro são necessários dez bois para um só carro. (GI-RÃO, 1979, p.104)

Mesmo com a pavimentação das ruas que teve início em 1857, enterrando a areia, esse incômodo de andar pelas ruas de Fortaleza persiste. A areia parece ter sido substituída por outros compostos, mas de igual crueza. Elementos que carcomem a paisagem, rugas que criam cercas e impedem os corpos de experimentar a cidade.

Fortaleza sem rosto?

Se Fortaleza é sem rosto, tal como definiu o historiador Christiano Câmara ao listar uma série de mudanças estruturais que se sucedem em um mesmo lugar sem atender a qualquer necessidade de melhoria da vida de seus habitantes, como podemos

reconhece-la? Esse desejo insano de fazer plásticas na cidade é uma tentativa superficial, que muda a sua fisionomia, é verdade, mas que não enterra a sua potência características, afinal, o ambiente não foi deslocado, há algo de poesia que ainda nos atravessa.

O retrato misterioso, gangorra de contradições pode ser encontrado em um fato bastante simbólico, que deve aqui ser recuperado. A locomotiva chamada de *Fortaleza* fora a primeira a desfilas nos trilhos da linha férrea da capital do Ceará. No dia 3 de agosto de 1873 deu-se o primeiro apitar do trem pelas bandas de cá. Uma multidão reuniu-se para presenciar a estrondosa e estridente novidade. Naqueles tempos, a cidade em sua quase totalidade atabalhoava-se diante das novidades misteriosas que por aqui, mais cedo ou mais tarde, aportavam. Aplausos entusiasmados, refletindo um mosaico de sentimentos, que se alternavam entre a alegria e a estranheza, denotando uma intensa sede de progresso por parte do cearense, que parecia, desde já, bastante afeito aos grandes empreendimentos (MENEZES, 2000).

Toda essa profusão não durou. Outro elemento novo estava sempre chegando, sempre assinalado por essa corrente de curiosidades e encantamentos instantâneos. A locomotiva *A Fortaleza* não teve o seu reconhecimento velado por uma preocupação carinhosa, seu fim não teve qualquer correspondência se comparado a sua chegada, o oposto se deu, acabou esquecida, substituída por outras, mais modernas. Virou sucata tão logo mostrou os primeiros sinais de desgaste provocado por muitos anos de trabalho: “cheia de cansaço, cheia de velhice, foi recolhida ao depósito de coisas usadas, como imprestável.” (MENEZES, 2000, p.59)

No entanto, por franca ironia de uma cidade impossível, esta *Fortaleza* não se deu por vencida, pois, ainda que “atirada a um canto, como ferro-velho” (MENEZES, 2000, p.59), acabou desaparecendo, sem que ninguém soubesse de seu paradeiro. Virou lenda, até que um dia, ressurgiu “noutro ponto da cidade, numa oficina de ferreiro” (MENEZES, 2000, p.59). Ninguém soube relatar o que de fato aconteceu, o caso é que acabou sendo desmontada e teve seus pedaços utilizados em outras funções.

Essa breve anedota compõe um panorama que se conjuga a portentosas variantes que passam necessariamente por inúmeros casos de desaparecimentos e aparecimentos que nunca se esgotam (vai e vem incessante) e não podem senão resultar em um acúmulo descompensado de objetos e objetivos que se revela através de profundas desigualdades. Não a toa, é uma cidade entupida de isolamentos, repleta de ilhas, fruto de destruições sistemáticas movidas por alguns de nossos homens públicos, munidos de irresponsabilidades e desejos individualistas e banhados por uma sede racionalista e pouco democrática. Estas ilhas não se conectam, alguma coisa falta e o que enxergamos são apenas pedaços descompassados que, se sozinhos, não têm qualquer sentido implícito. Apesar disso, vista do alto, a cidade pouco se revela.

Vista de cima, a cidade parece um mosaico harmônico e uniformem estável e ordenado, justamente porque a representação chapada do mapa exclui do núcleo urbano seu conteúdo mais explosivo – os habitantes da cidade. (SILVA E FILHO, 2004, p.111)

Mas, para além desta imagem desgostosa acerca de Fortaleza, é preciso atentar para uma energia, ou pelo menos, uma renovação de determinadas forças que contrapõem esse sentimento de abandono, uma característica movente presente em diversos personagens e práticas cotidianas. Fortaleza “é alegre, quando devia, pelas contingências humanas, ser profundamente triste” (MENEZES, 2000, p.35). Ou ainda: “desapareceu muita coisa, porém não morreu o espírito” (GIRÃO, 1974, p. 133).

Passos que embelezam

Há, historicamente, um forte desejo de transformar esta Fortaleza em um lugar de beleza notáveis e indiscutivelmente visíveis. Ainda no século XIX, houve uma intensa campanha pelo aformoseamento da cidade. Fortaleza precisava crescer, mas de forma elegante, que expusesse um cenário de organização e vanguarda, um polo de atração para os olhares alheios.

Existem também os traços poéticos deixados e observados por daquele que caminha pelas ruas da cidade, que modificam o traçado retilíneo das ruas. Retornando a um estado originário, o de querer a rua desde a infância, como bem pontua João do Rio. O caminhar pode sim ser transposto como atividade e instância poética no seio

das cidades, possibilidade de resistência. Um caminhar voluntário, que quer se libertar destes depósitos tão insalubres nos quais somos insistentemente jogados.

Estas imagens (ou paisagens), são uma constante da história de Fortaleza, carece de reflexão nos dias de hoje. A intensa radicalização dos espaços, modificados, reformados e indefinidamente repousados em desvios indistintos, com um discurso que rasga seu tecido em detrimento do progresso. Pouco fica, pouco deixa. Cidade que não se concretiza senão através de fragmentos sem fim que se espalham por toda a sua extensão. “Aqueles para quem a cidade não é apenas um amontoado de pedras, [...], muito sofrem quando a sua terra é destruída, ou muda inteiramente de feição” (NOGUEIRA, 1980, p.104).

E se só podemos percebê-la através destes rastros, é possível intuir uma multiplicidade enorme de caminhos a seguir. O mistério cresce em detrimento do crescimento da cidade. Paola Jacques Berenstein (2008) denomina de *corpografias urbanas* a “memória urbana inscrita no próprio corpo”, motivada pela experiência urbana daquelas a quem ela chama de errantes, os praticantes voluntários, que intentam este modo físico estar e se relacionar com a cidade. Indo um pouco além, é preciso pensar em como é possível criar extensões destas práticas, ou seja, como fazer a memória urbana inscrita no corpo do errante escorrer para diversos campos ou corpos. Isso diz respeito a um modo de produzir narrativas acerca da cidade que não se situem somente como um apanhado histórico ou um relato factual.

Aposto, portanto, no caminhar como proposta de invenção, intervenção e imersão poética na cidade, pois considero a necessidade de suplantar a velocidade, adotando uma propriedade de lentidão. Milton Santos (2006) define como homens lentos, aqueles que não se conectam (ou porque são apartados ou porque simplesmente desconsideram) às normas estabelecidas no cotidiano das cidades. “Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. Na grande cidade, hoje, o que se dá é tudo ao contrário” (SANTOS, 2006, p.220). Estes pertencem a uma classe mais pobre, aqueles que não tem acesso a este mundo acelerado, estão à margem do crescimento. Dessa forma, experimentam a cidade em um ritmo diferenciado e acabam gerando novos significa-

dos para a cidade, mediante uma aproximação com modos criativos de estar e utilizar os espaços.

Quanto mais rápido se transita, menos se pode observar detidamente as peculiaridades da paisagem circundante – formas, volumes, cores, dimensões. Os detalhes significativos, as diferenças sutis tendem a ser apagadas na vertigem da aceleração. (SILVA E FILHO, 2004, p.68)

Ao nos deter sobre a crônica histórica de Fortaleza, que narra algumas das curiosidades e que fazem parte da formação da cidade, vamos nos deparar com um sentimento coroadado de nostalgias e saudosismos. Assim nos diz Raimundo de Menezes (2000) no seu livro *Coisas que o tempo levou* sobre uma Fortaleza que ele acredita não voltar mais:

Tinhas outro sabor. Tuas ruas cheias de sol, com o calçamento de pedras pontiagudas, as praças com os seus lençóis de areia, os bairros longínquos com a suave frescura e o cheiro gostoso dos cajueiros em flor, tudo isso vem a mente com que enternecida rememoração... (p.31)

Esse tom de lamento de algo que se perdeu e que não volta mais é uma sensação que resulta diretamente do encolhimento dos usos e práticas urbanas, considerando-se as interações sociais cotidianas ou mesmo as esferas de discussão política. Esse tom, ainda que consequência de um sentimento que não se despreja da realidade, parece conter, em suas entrelinhas, uma tentativa de resgate e atua como um estímulo. Se, em algum momento, e o título, nesse caso, é bastante emblemático, há uma conformação com a situação, as histórias narradas nos despertam para a pluralidade inerente que sempre permeou esta cidade, nos faz ver sob outra perspectiva, que, pode até ser encarada como uma denúncia ou provocação: “avivar a lembrança, fazer ver novamente a terra querida que se foi, é o que pode haver de mais grato aos sobreviventes da destruição da terra natal” (NOGUEIRA, 1980, p.104). Não podemos esquecer deste detalhe crucial: existem os sobreviventes.

Quando caminhamos, mesmo em espaços restritos, estamos atravessando diversos espaços. O fundamento do caminhar, dessa forma, está contido no anseio por deslocamentos, que não necessariamente acusem um rumo pré-estabelecido ou um objetivo direto. Deslocar-se, nesse sentido, como uma motivação criativa. Cecília Almeida Salles (2008) ao se dedicar aos processos de determinados artistas obser-

va que muitos optam por sair para uma caminhada, ação que se estende para além de um estímulo produtivo. É um momento para ruminar ideias e absorver outras, passos que excitam o pensamento. A rua passa a compor o ateliê do artista, espaço em que poéticas se adensam.

Construir é uma nova poética para a cidade, estimuladas pelo contato com a cidade. Trata-se, com efeito, de uma proposição específica, mas que pode se desdobrar em experiências e ações dos mais diversos tipos. Um processo criativo em rede, em que a cidade participa em autoria. Nesse sentido, as relações se entrecruzam na formação de espaços discursivos mediados por um estado de observação poética, em que as impressões pessoais superem um discurso oficial ou mesmo o discurso produzido pelos restos deixados, e com isso, adentrar os mistérios e segredos da cidade.

A rua, infinda, é o lugar em que a cidade acontece e se desdobra. As cidades, aliás, são fundadas através da abertura de ruas. São por e através delas que as pessoas passam, transitam, se encontram, colidem. Na rua, reside a expansão de todos os sentimentos da cidade. Vamos às ruas.

Notas

¹ Não somente as ruas, as praças também. A do Ferreira, por exemplo, acumula uma extensa lista de denominações: Feira Nova, Beco do Cotovelo, Largo das Trincheiras, Praça Pedro II e Municipalidade.

² No dia 7 de maio de 2014, o atual prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio, anunciou a demolição da praça Portugal, localizada no bairro Aldeota, para dar passagem a um cruzamento entre avenidas. A praça seria substituída por quatro mini praças posicionadas em cada das laterais que perfazem o cruzamento. Como justificativa, a prefeitura disse que os espaços destas quatro praças, juntos, terão uma área 35% maior do que a área da praça atual. O início das obras continua postergado até hoje, já tendo passado por diversas instâncias jurídicas para decidir ou não sobre o seu tombamento.

Referências

AZEVEDO, Otacílio. *Fortaleza descalça; reminiscências*. Fortaleza, UFC/Casa José de Alencar, 1992.

BERENSTEIN, Paola Jacques. Corpografias urbanas. *Revista Virtruvius*: ano 08, fevereiro de 2008.

BERENSTEIN, Paola Jacques. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

DE CASTRO, José liberal. *Fatores de localização e de expansão da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: UFC, 1977.

MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou: crônicas históricas da Fortaleza antiga*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1979.

KASTRUP, Virgínia. A atenção na experiência estética: cognição, arte e produção de subjetividade. *Revista Trama Interdisciplinar – Volume 3 – Número 1 – 2012*.

NOGUEIRA, João. *Fortaleza velha; crônicas*. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo. *Fortaleza: imagens da cidade*. Fortaleza, Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2004.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes de criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Artur Dória

Artista e mestrando em Artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Tem graduação em jornalismo, também pela UFC e tem desenvolvido trabalhos de cunho interventivo, sempre pensando a cidade de Fortaleza como o seu ateliê.